

Fases do exílio, sob as faces do tempo Processos da pesquisa sobre Elza Freire.

Nima I. Spigolon¹

RESUMO:

Este trabalho integra pesquisa sobre Elza Freire, constituindo-se por resultados parciais de doutoramento. O escopo compreende o recorte temporal 1964/ 1980, e objetiva pensar o exílio brasileiro a partir de Elza Freire e sua família. Justifica-se tanto pelo caráter histórico ao discutir fatos passados, quanto pela ponte que estabelece com o presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias. O cenário nacional e internacional é parte de um processo que acometeu homens e mulheres brasileiro(a)s exilado(a)s, as experiências de Elza Freire se entrelaçam à essa realidade. O foco é discutir o exílio como experiência social, coletiva e ao mesmo tempo individual, que guarda relação com a dimensão histórica, sociocultural e político-pedagógica das situações vivenciadas. O caminho teórico-metodológico em construção se fundamenta nos aportes da abordagem qualitativa, estruturados segundo uma lógica indutiva. Diversos instrumentos de coleta de informação foram mobilizados, No intento de articular o conjunto de fontes: primárias, documentais e não documentais, destacando os manuscritos produzidos por Elza Freire, as décadas expostas cronologicamente para a composição histórica, bem como produzir conexões de sentido para o que denomino diáspora brasileira. Acreditamos que recuperar memórias, investigar processos, é também uma forma de impedir a repetição de governos ditatoriais e terrorismos de Estado, é recusar situações sociais de opressão, exclusão e violação de direitos, é fortalecer princípios de liberdade e de vida, ideais que coadunam com a construção de sociedades mais justas, dignas, humanas e amorosas.

Palavras-chave: Elza Freire, exílio, memória, educação.

ABSTRACT:

This work is part of a research on Elza Freire, being the partial results of my doctorate studies. Its scope includes the time frame between 1964/1980, and aims at thinking the Brazilian exile of Elza Freire and her family. Therefore, it is justified by both the historical aspect when discussing past events, as for bridging with the present / future in the construction of more egalitarian societies. The scenario is composed of national and international spots where Brazilians were included as part of a process which affected men and women in exile, the experiences of Elza Freire interweave with this reality. The focus is to discuss exile as a social experience, collective and at the same time individual, which is related to the historical, socio-cultural and political-pedagogical dimensions of the experienced situations. The theoretical and methodological means under construction are based on the contributions of qualitative research, structured according to an inductive logic. Several tools for collecting information were mobilized. In the attempt to articulate a set of sources: primary, documents and not documents, highlighting the manuscripts

¹ Doutoranda em Educação, área de concentração: Ciências Sociais na Educação, sob a orientação da Profª Drª Débora Mazza. Bolsista Capes, integrante do Grupo de Políticas Públicas e Educação (GPPE), da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: professoranima@gmail.com.

produced by Elza Freire, the decades will be displayed chronologically for a historical composition, as well as produce connections of meaning to what you might call a Brazilian diaspora. We believe that recovering memories, researching processes, is also a way to prevent the repetition of dictatorships and terrorism of State, is refusing social situations of oppression, exclusion and violation of rights, is to strengthen the principles of liberty and life, ideals that are consistent with the construction of fairer, more decent, humane and loving societies.

Keywords: Elza Freire, exile, memory, education.

1. Introdução



Figura 1 – Elza Freire e Paulo Freire com os filhos Lutgardes e Joaquim no exílio (Chile, meados de 1965)

Fonte: Acervo da pesquisadora

Elza Freire nasceu no Recife em 1916. Na década de 1930, se faz professora e diretora de escola, pioneira da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização infantil. Casou-se com Paulo Freire em 1944, dessa união, cinco filhos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Esposa, educadora, intelectual, partícipe das experiências pioneiras com Educação Popular e Círculos de Cultura, metodóloga das palavras geradoras para a Educação de Adultos; vanguardista na formação de educadores nos movimentos de base e no Plano Nacional de Alfabetização nos anos 50 e 60. Presença e participação na vida e na obra do educador brasileiro, juntos concretizaram utopias, desde Recife, depois o exílio com o golpe de 64, até retornar ao Brasil, quando em 1986 representou perda e saudade. Companheira amorosa, esposa dedicada e

profissional competente, exerceu grande e decisiva atuação no pensamento e na práxis Freiriana; bem como deixou contribuições para a Educação Brasileira.

Quase meio século do “golpe de 1964” no Brasil e os acontecimentos advindos desse processo marcaram a história do país e dos indivíduos. Dentre eles, o exílio que engloba uma multiplicidade de condições sociais coadunadas às situações particulares dos indivíduos. São fases do exílio, sob as faces da memória, num tempo que permanece vivo até hoje.

O tempo e a história interagem memória e passado/presente/futuro, dão movimento à propagação de visões de mundo construídas no cotidiano de práticas sociais repletas de utopias. Elias (1998), ao refletir sobre o tempo, sustenta que ele não existe em si mesmo é antes de tudo símbolo social, resultado de longo processo de aprendizagem.

Rollemberg (1999), Costa (et. al. 1980) e Rabêlo (2001) sugerem que cada exílio é definido por uma conjuntura específica, por problemas próprios à época e ao lugar. Entretanto, existem elementos comuns que podem ser percebidos nos exílios de diversos povos, em diferentes culturas e momentos. Não há um exílio, mas muitos exílios.

O trabalho integra doutorado. Sua caracterização é pensar o exílio brasileiro entre 1964 a 1980, a partir do percurso de Elza Freire e sua família. Justifica-se tanto pelo caráter histórico ao discutir fatos passados, quanto pela ponte que estabelece com o presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias.

O foco é o exílio como experiência social, coletiva e ao mesmo tempo individual. O desafio de pensar o exílio a partir de Elza Freire instrumentaliza para recuperar memórias de brasileiro(a)s que viveram o exílio, que sofreram, entre outras violências, a exclusão de participação na vida pública, política e intelectual do país, que passaram a viver histórias dentro da história e, tiveram experiências marcadas pelas circunstâncias governamentais da época e que agora se constituem em material empírico para fundamentar reflexões críticas.

Sobre a força das experiências e recordações de situações diversas e adversas vividas pelos exilados, Edward Said (2003) escreve que

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

O exílio marca a história da humanidade. Acredito que recuperar a ideia do exílio e investigar essas experiências é também uma forma de recusar situações sociais de exclusão, discriminação e restrição de direitos. Resistir ao exílio é ratificar princípios de liberdade e direito, à vida (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007).

2. Aportes teórico-metodológicos

O caminho teórico-metodológico em construção se fundamenta nos aportes da abordagem qualitativa, estruturados segundo uma lógica indutiva.

Brühl sustenta que a decisão sobre utilização e composição de métodos não deve ocorrer independentemente ou à margem do conteúdo e dos problemas a serem pesquisados. Os “métodos são a ‘humanização da ciência’”, seu posicionamento faz entender que o movimento da dialética no processo de pesquisa como em qualquer processo social é básico para “a conceituação do processo de pesquisa, a metodologia” (BRÜHL, p.06).

Essa reflexão teórico-metodológica permite a interação com/entre o sujeito da pesquisa e os procedimentos de coleta e análise dos dados, levando-se à compreensão de como as experiências de exilado(a)s brasileiro(a)s vão sendo significados. Assim, é possível pensar o exílio, tendo de um lado as ditaduras de Estado e, portanto questões políticas e coletivas; e de outro a memória e as experiências vividas. Neste caso, Elza Freire regula e configura as temporalidades da pesquisa com suas *experiências de exílio* (YANKELEVICH Y JENSEN, 2007).

Segundo Benjamin, a difícil questão a refletir sobre a memória não reside naquilo que é possível rememorar (o conteúdo da memória é a lembrança, mas a memória é quem capta a lembrança), mas em saber como lidar com o silêncio, com o esquecimento... Se há forças que provocam o enfraquecimento da arte de narrar enquanto discurso vivo, também tais forças fazem aparecer “uma nova beleza ao que está desaparecendo” (BENJAMIN, 1985, p. 201). Aportei-me nos manuscritos de Elza Freire e depoimentos, como possibilidades de “narrar” suas experiências, para mediar singularidades e generalidades, o que permite ampliar a percepção da atuação de determinados atores no mundo público.

3. Entre o objetivo geral e os específicos

O objetivo geral é prosseguir pesquisa sobre o percurso de Elza Freire e seus desdobramentos me conduzem a reconhecer que o individual e o social, antes de serem dimensões da vida em polos opostos, complementam-se sob a perspectiva dessa dupla histórica. Dentre os específicos, destacam-se:

- integrar memórias e experiências do exílio brasileiro à partir de Elza Freire;
- descrever o percurso da Família Freire, nos diferentes tempos-espacos;
- apresentar suas contribuições na construção da Pedagogia Freiriana;
- interpretar sua participação na consolidação de metodologias para adultos analfabetos;
- categorizar e analisar seus manuscritos.

No processo ressaltado como os indivíduos se encontram ligados por redes de interdependência que limitam sua liberdade de ação e escolha e os tornam dependentes uns dos outros, como se andassem atados pelos pés por fios invisíveis (ELIAS, 1999).

As análises preliminares do campo empírico a partir dos seus escritos trazem posicionamentos inquietantes, problematizam como ela entendia o momento da partida:

Quando saí, senti que realmente não voltaria... Talvez isso me tivesse dado um certo corte, não pensar mais em volta nem no que tinha deixado. Viver uma outra vida, diferente que tinha passado. Talvez o momento mais duro tenha sido esse. O momento em que eu saí... Era como se tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui pra cá (FREIRE, Elza *apud* COSTA [et. al.], 1980, p. 200).

Há também a identificação de reflexões que abrem possibilidades potentes de interpretação e certa comparação, quando ela aponta:

Nesses últimos anos vivi uma retomada de trabalho que para mim tem sido interessante. Refiro-me ao trabalho de alfabetização em países africanos, uma outra realidade. Já posso comparar com o que fizemos no Brasil (FREIRE, Elza *apud* COSTA [et. al.], 1980, p. 200).

Prossigo trabalhando no/com o campo empírico, tentando estabelecer análises pautadas pelos manuscritos (fontes primárias) produzidos por Elza Freire. Então, me aproximo de seu pensamento e, imersa no processo, identifico que “para entender tem que saber sentir. Conceito

representação abstrata do concreto. Descrever sempre os conceitos. A linguagem corresponde ao material” (ELZA FREIRE, manuscritos).

Os objetivos abrem possibilidades para se verificar a presença contínua de mulheres brasileiras exiladas. Portanto, a experiência de ser exilado, para o indivíduo e o grupo, representa fundamentalmente, segundo Yankelevich “comporto dolor y sufrimento – desarraigo, perdida de identidad, la interrupción violenta de todas las actividades de la vida cotidiana (...) uma violación de los Derechos Humanos”² (YANKELEVICH, 2004, p. 11).

São múltiplos os níveis em que a ruptura do exílio modifica a identidade das pessoas. Eles marcaram profundamente o estilo de viver, pensar, sentir e se relacionar das exiladas afetando relações financeiras, de trabalho, com a família, , a política, a visão de mundo e o sentimento de provisoriedade (CAVALCANTI & RAMOS, 1978).

4. Desenvolvimento: uma mulher, um tempo, muitos lugares

As décadas de 1960, 1970 e 1980 compõem o cenário nacional e internacional como parte de um processo que acometeu exilados brasileiros. As experiências de Elza Freire, se entrelaçam à essa realidade, marcada por fatos históricos, político-pedagógicos e socioculturais que provocaram rupturas em pessoas, países e povos.

Partirei de Recife/Brasil, para as residências no exílio: Santiago/Chile, Boston/Estados Unidos e Genebra/Suíça, concomitantemente à África, cenários que o texto acadêmico construirá para emoldurar essas experiências de Elza Freire.

O escopo é o percurso de Elza Freire entendendo-a por essas configurações sociais de tempo-espço. “estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados” (ELIAS, 1999, p. 15).

Adoto um conceito amplo de exílio, questionando-me sobre a condição de quem é exilada, decidi categorizar Elza Freire exilada³, pois como as autoras, entendo que

2 Textos em espanhol, para publicação mantive a forma original.

3 Como COSTA (*et al.*,1980) e Cavalcanti (*et al.* 1976), adoto a concepção de que a condição de exilada não se confunde com a de asilada ou a de refugiada, pois “o estatuto legal não cobre a diversidade de situações de exílio, nem abrange aquelas pessoas portadoras de documentos mas que não poderiam voltar em segurança, e cuja situação formal foi sempre bastante ambígua” (COSTA *et al.*, 1980, p. 18).

São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas (COSTA [et. al.], 1980, p. 18).

Para Rollemberg “o exílio no exílio” configura o exílio de Elza Freire e demais exilado(a)s brasileiro(s). A perspectiva de volta se afastava junto com a América Latina e a necessidade de se adaptar a novo país de exílio, ao idioma, a luta pela sobrevivência, conduzia de forma imperativa à “nova fase e redefinições. Os exilados se espalhando pelo mundo. A diáspora.” (ROLLEMBERG, 1999, p. 88). O mapa traçado por Elza Freire e sua família é capaz de produzir significados dessa diáspora, considerada a maior diáspora política brasileira de todos os tempos (RABÊLO, 2001).

A cultura e luta social configuram-se como referenciais utilizados nos processos de interação político-pedagógica estabelecida por Elza Freire, a educação é apontada como recurso que proporcionou reflexões entre teoria e prática. Para conduzir as análises, me apoio na categorização dos seus manuscritos, nas suas concepções metodológicas em Círculos de Cultura de Cói⁴, sua participação na fundação do Instituto de Ação Cultural em Genebra, para assessorar práticas de Educação Popular na África.

O quesito relevância se justifica em parte porque sobre Elza Freire são desconhecidas pesquisas⁵. Lopes (2000) considera incipiente a ideia de se produzir estudos específicos em torno das mulheres em ciências.

Para Fávero & Britto (2002), existem poucas produções sobre a presença das mulheres, considerando terem pouca visibilidade nos quadros mais legítimos do campo educacional. Rollemberg (1999) tece considerações semelhantes acerca do exílio. As autoras advertem que esse aspecto pode ser objeto de investigações científicas.

Elza Freire mulher, mãe, professora e exilada, envereda por uma perspectiva até então desconhecida; entre solidão e afazeres, países distintos; descobertas, impermanências – que ela experienciou, circunscrita a período que se distingue pela escassez de estudos referentes à educação e exílio, mulheres professoras exiladas e, em especial o exílio brasileiro.

4 Cói – Centro Máximo Gorki de formação de professores. FREIRE (1978), *Cartas a Guiné-Bissau*.

5 Fiz levantamento em diversos bancos de dados, dentre eles: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior, Arquivo Edgar Leuenroth, Memórias Reveladas.

5. (In)conclusões

A atuação do casal Freire no exílio, aqui ressalto a “*Pedagogia da Convivência*”⁶, é bem representada

[...] ambos não me deixaram apenas quatro maravilhosos irmãos, mas também inúmeros irmãos e irmãs, que abraçaram amorosamente a causa que sempre defenderam, pelo mundo inteiro, na África, no Brasil, nos Estados Unidos e em tantos outros países, onde a luta pela liberdade se faz presente assim como o gosto de lutar por um mundo menos feio, menos injusto, mais humano, e porque não dizer, mais amoroso (FREIRE, Lutgardes C. *apud* SOUZA 2001, p. 341).

Ao lidar com suas experiências de exílio, em vários, tempos e lugares, coloco-me em oposição às ditaduras no Brasil, na América Latina e no mundo, pois contra esse estado de coisas temos que nos insurgir, reafirmando-me a favor de uma educação libertária que vise a construção de sociedades mais justas, dignas, humanas e amorosas.

Acredito que recuperar memórias, investigar processos, é uma forma de impedir a repetição de terrorismos de Estado, é recusar situações sociais de opressão, exclusão e, violação de direitos, é fortalecer princípios de liberdade e vida, ideais que coadunam com a percepção da atuação de atores no mundo público e, em especial, Elza Freire.

Destacamos o caráter de (in)conclusão que envolve o percurso acadêmico ao comungarmos a ideia de que somos incompletos: “aí se encontram as raízes da educação, mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na in-conclusão que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente”. (FREIRE, 2006, p. 73), como destaca Paulo Freire e que reitera Elza Freire ao afirmar que “a pessoa humana é algo concreto e não uma abstração” (FREIRE, Elza *apud* FREIRE, 1978, p. 39).

6. Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRÜHL, Dieter. **Método Científico e Objeto nas Ciências Sociais: algumas reflexões sobre o caráter dialético do processo de pesquisa em Ciências Sociais**. S/Ed; S/d. (Mimeo).

6 Consultar SPIGOLON, Nima I. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz Educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2009.

CAVALCANTI, Pedro C. Uchôa, RAMOS, Jovelino (Coords). **Memórias do exílio. Brasil 1964/19?? De muitos caminhos.** São Paulo: Editora e Livraria Livramento Ltda., 1978.

COSTA, Albertina de Oliveira... [et al.]. **Memórias das mulheres do exílio.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **Sobre o tempo.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

ELZA FREIRE. **Setembro de 1977.** In: COSTA, Albertina de Oliveira... [et al.]. **Memórias das mulheres do exílio.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. Manuscritos. Acervo Pessoal Madalena Freire. São Paulo, Brasil.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros (Orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002.

FREIRE, Lutgardes Costa. In: SOUZA, Ana I. (Org.) **Paulo Freire: Vida e Obra.** São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LOPES, Maria Margaret. **Apresentação.** In: Gênero, ciências e história, Cadernos Pagu, nº 15, 2000. Campinas: Gráfica do IFCH/UNICAMP.

RÂBELO, José Maria & RABÊLO, Thereza. **Diáspora: os longos caminhos do exílio.** São Paulo: Geração Editorial, 2001.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio entre raízes e radares.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SAID, Edward W.. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

YANKELEVICH, Pablo (Org.). **Represión y destierro – itinerarios del exílio argentino.** Buenos Aires: Ediciones Al Margem, 2004.

_____. y JENSEN, Silvina (Orgs.). **Exilios: destinos y experiências bajo la dictadura militar.** Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2007.